A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

Ano II—Numero 97 | Preço avulso 1 Escudo | 12 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

A RUSGA DOS MENDIGOS

A policia inicia uma grande medida digna, do entusiastico aplauso de todos: a limpeza da cidade do exercito de mendigos que a pejavam.

LÊR DENTRO:

40 ANOS DE TEATRO

Formidavel pagina de emoção por *O HOMEM QUE PASSA*

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 9?

LISBOA 21 DE NOVEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS · Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N. —EDITOR *JULIO MARQUES*—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Bisca ao André

Ha dias, o nosso querido André Brun dava uma tunda nos jornais que se referiram á Micas Gouveia.

Justamente, nesse numero, «O Domingo» publicava a efigie daquela gentil «divette» e audaciosa «sportswoman»...

O incidente serve á maravilha para provar a independencia de opinião de todos os redactores cá da casa. Que Deus no-la conserve!

Todos nós repontamos no entanto com a celebridade demasiada dada ao crime, ao soco, ou ao pontapé. Mas tem que ser!

Pode você, querido Brun, escrever mais algumas admiraveis peças de teatro, cronicas ou romances. O seu melhor livro não valerá em popularidade um pontapé do Chico Vieira ou um soco de Santa Camarão!

Qual ahi o artista celebre que teve as paginas dedicadas a Landru?

E não nos digam que é mau jornalismo.

E' jornalismo—e o jornalismo é inevitavelmente—a epoca.

Os taxis e a policia

Recebemos algumas cartas, citando-nos alguns factos bem comprovativos da falta de critério com que são modificadas, com demasiada frequência, as medidas respeitantes á circulação automovel em Lisboa. Os *chauffeurs* nunca sabem por onde podem seguir. Mas sabem sempre que hão-de seguir pelo caminho mais longo. Quem paga é o freguez. Em todas as grandes cidades, o *taxi* representa uma notavel economia de tempo. Só em Lisboa representa apenas uma despeza inutil.

Em alguma cousa havemos de ser originais.

"Actos e factos"

Uma das leis mais ingenuas e por certo das mais desprestigiantes da Republica, feita talvez com bôas intenções, mas de facto odiosa, é a que exige aos funcionarios os atestados de «bom republicanismo».

Numa escola industrial, uma modesta professora oficial de bordados, que tem empunhado toda a vida a sua democratica agulha, viu-se em embaraços para que o juiz do seu intimo fôro politico – um barbeiro—que é o regedor que passa o atestado,—reconhecesse que ela «*por actos e factos*» tem defendido o regime.

A honesta proletaria, que conforme a profissão «sabe as linhas com que se cose», calculou que bastava oferecer um «mimosinho» á esposa do figaro politico a quem a Republica entregou a fiscalisação das consciencias. E vai d'ahi, enviou lhe duas «blouses», todas em complicados bordados.—Deu no vinte.

Mais tarde a bôa senhora explicava assim o atestado:

Os «actos» ficam com quem os pratica, agora os «fatos»... eram de renda ingleza.

CONSULTA

—Sr. dr. tenho um grande ataque de reumatismo, creio que da humidade do quarto onde habito. Que ac nselha?
—Mude-se.

Má língua

UMA ENTREVISTA

Como agora é costume os redactores
certas questões tocarem só ... de esguelha
e á sombra de mais altos «editores»,
—passando ha dias nos Restauradores
entrevistei *uma palmeira velha.*

Fui encontral-a a meio de um canteiro
por uma gradesinha circundado;
e teve o farfalhar mais lisongeiro
dando ás folhas um geito linguareiro
assim que lhe impingi o meu recado.

— «Sim. Nós outras, as arvores, bem vemos
que em Lisboa a opinião é contra nós.
Porque não trabalhamos e comemos?
Olhe que o pé de meia que teremos
não justifica esta campanha atroz...

Quantas vezes em mim tenho sentido
pousar-se o olhar irado de um miróne!
Em mim, que tenho apenas pretendido
seguir pelo caminho mais seguido.
Não vê? Trago os cabelos á Garçonne...

E afinal,—já que somos consultadas
fallemos de melindres naturaes—
não teremos rasão de estar maguadas
por ver que nunca são organizadas
Ligas de Protecção aos Vegetaes?

Contra quem taes degôlas emprehendeu
Se uns dias a opinião se convulsiona
logo cahe no outro extremo e os ergue ao ceu;
aquillo que ao Pombal aconteceu
já vae acontecendo ao Paiva e Pona.

Primeiro, o temeroso calafrio
quando em ondas as hordas camararias
como um possante e caudaloso rio
nos levaram do largo do Rocio
cincoenta ou mais collegas centenarias.

Depois, a arder em enternecimento,
embriagada de cimento Lis
bôa gente proclama a seu contento
em «providencial» melhoramento
que deu largas ao povo—e á Carris.

Porque nos fazem isto? Pois é crime,
e assim se faz pagar a toda—a classe—
que, no rude fallar em que as exprime,
uma que outra verdade, aliás sublime,
o pinheiro maluco proclamasse?

São... represalias? Ponha vocelencia
no «Domingo», esta clara affirmação:
—que nenhuma de nós tem na ascendencia
sequer vestigios da Arvore da Sciencia
que engasgou para sempre o pae Adão.

Se é... politica, então, sabe que mais,
são doidas as phalanges demagogicas!
Lá porque sopram brizas radicaes
não misturem as arvores... reaes
no que querem fazer ás... genealogicas!

cá por mim, não dou gritos nem lhes bato
—uma arvore não tem desses arrancos...—
Se homem, velho, creança, cão, ou gato
a mim se chêgam para um desacato
sem respeitar os meus cabellos brancos...

Se nasci num palmar—por honra minha,
não me envergonharei de o confessar!—
a minha seiva para o ceu caminha;
não sou mãe nem irmã dessa gentinha
que é tão sabia nas artes de palmar...

E diga lá que fallo,—e fallo pouco...—
numa voz socegada, monocordia;
mas que, se vae avante ardor tão louco
até eu que estou velha e não dou côco
me desentranho em pomos de discordia!...» —

Não disse á minha velha entrevistada
esta verdade que em verdade assombra:
—uma vez a ambição desenfreada
nem as arvores poupa a machadada
porque não poupa o que lhe faça sombra...

TAÇO

ECOS

Morreu o Ipana

Os grandes diários dedicaram sentidos necrológios ao elefante bonacheirão que morreu há dias, no parque das Larangeiras, com uma doença de estômago. Pobre Ipana, que teve agora uma *panne* final naquele enorme coração, exausto de não se cansar, de não bater mais apressado depois das grandes correrias na floresta. Triste sorte, a do elefante Ipana, que foi objecto do espanto alvar da multidão e que, quasi envergonhado da sua corpulência, passeava de orelha murcha, ante os basbaques! Pobre Ipana, a quem obrigaram a aceitar esmolas e a viver cativo. Qual era o homem, válido, honesto e livre—como ele foi—que não tremeria ante um destino igual ao seu?! Pobre Ipana, que ainda depois de morto vai ser admirado, como objecto de museu! Nem sequer podemos, saudosamente, murmurar aquele voto banal, que mesmo aos criminosos não se nega: nem sequer podemos dizer que lhe seja leve a terra sôbre a qual êle tanto pesou...

questão prévia

De longe em longe, quando verifica que a cidade não tem mais esquinas e portais devolutos, que sirvam de «atelier» á mendicidade profissional, a policia entrega-se ao desporto da caça ao mendigo. Ora como quem vai ás perdizes nem por isso deixa de atirar a um coelho, se ele lhe saltar ao caminho, acontece que, se de envolta com autentica gente de pedir vai um ou outro a quem só a má apresentação comprometeu, tambem no «tableau de chasse» policial figuram por vezes cavalheiros da industria da pedincha, que trazem cosidas aos andrajos pequenas fortunas em dinheiro e papeis do Estado, roubadas aos verdadeiros necessitados e extorquidas á sensibilidade, facilmente emocionavel, dos «seus ricos bemfeitores».

Estes Harpagões de porta de igreja são, na legião dos pedintes, os mais repugnantes e repelentes. Explica-se que haja quem faça do esmolar um modo de vida, aplicando os reditos auferidos em manter mulher ou homem aturados, acrescidos de prole numerosa ou bebendo na taberna, em copinhos de aguardente, a generosidade dos sensiveis ás suas lamurias. O que se não explica nem compreende é que um patusco ou uma patusca nos venha bater á porta ou nos detenha na rua, chorando desditas de toda a vida e fome de tres dias, para nos arrancar uns dinheiros que amealha para pôr a render e aumentar o peculio, que á noite, na estreiteza do cubiculo onde Harpagão se aloja de cocoras, gosta de contar, cheirar, palpar, vêr e ouvir,—que são estes os cincos sentidos do avarento.

Para estes gatunos de processos suaves, independentemente das sanções penais que caibam no facto doloso de pedir para comer e arrecadar para render, ha que criar uma norma severa que autorise o confisco dos bens que lhes forem encontrados no covil ou nos andrajos, fazendo revertê-los para as instituições de assistencia, unica forma viavel e logica de restituir á colectividade esse dinheiro roubado com bons modos.

* * *

Não se calcula como esta profissão de mendigar ocupa, não braços, mas bocas, por esse país fora. Alem dos aleijões classicos das feiras e romarias—classe de mendigos em que raro é o que, uma vez libertado da tutela familiar ou da tirania dum emprezario, não faz uma brilhante carreira de proprietario rural—os pobres de «padre-nossos», de bordão e taleiga, de cavaquinho e cantiga pronta, infestam a provincia, trazendo na boca o amor de Deus e na alma o odio ao proximo que não escorrega das mãos a cedula suja, o naco de borôa, a talhada de presunto ou a rodela grossa de salpicão.

Emquanto no campo os braços faltam, levados para longe pelo sonho ambicioso da emigração para as Americas, as povoações enchem-se de inactivos somadores de «padre-nossos», que se oferecem para intermediarios entre Deus e as alminhas, fazendo pesar na balança de S. Miguel uma tonelada de orações, a trôco dum tostão sebento ou duma posta de bacalhau.

E' a tradição deprimente do caldo da portaria dos conventos que mantem prospora esta industria do pedir, industria que inventou, para sua taboleta, apresentando-a como maxima de inspiração divina, a frase que afirma que «quem dá aos pobres empresta a Deus». A resolução do problema da mendicidade está, afinal, nisto: em demolir a tradição conventual do caldo da portaria e em convencer os dinheirosos de que a usura, mesmo exercida para com Deus, é um negocio muito feio.

VELOCIDADE

—Esta corrida correu com uma velocidade pasmosa!
—Talvez por isso ela tenha transpirado tão á pressa...

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

)S BOTAS RANGEDEIRAS

Eça de Queiroz escreveu uma pagina ngraçadissima sobre a situação dum ronista, tendo na ante-camara o homem que vem buscar o artigo e sentindo o anger das botas da creatura que paseia para matar o tempo.

Se ele a não tivesse escrito, eu conaria a historia lastimosa dum cronista procura duma ideia e tendo por cima a cabeça, a passear, um visinho com s botas mais rangedeiras que os saateiros de Lisboa têm fabricado.

Nós somos de exagêros e de extreos. Ha seis meses andavamos todos

le sapatos de feltro. Surgiamos inesperadamente ao lado de cardiacos que aleciam instantaneamente. Nas escadas s velhas tomavam-nos por gatunos e lgumas sacavam do apito.

Agora desapareceu o feltro, ao que parece, pois, em torno de mim, não ouço senão cavalheiros, senhoras, meninos d'ambos os sexos, tudo enfim que usa bota ou sapato, rangendo, rangendo. Confesso ser esse um dos ruidos menos propicios aos meus nervos e não compreendo que quem o exerça sinta prazer em fazê lo. Parece no ento que a sola rangedeira é um insrumento agradavel de tocar porque ha quem ao cabo duma hora e um quarto le passeio não esteja cançado de se uvir, e continue, continue... andará ele á procura duma ideia para uma crónica?

AGUA PARADA

A comissão administrativa da Camara tem projectos de altos melhoramentos para a cidade: tenciona limpa-la o melhor possivel, facilitar o transito, romper novas avenidas, iluminar, regar, etc.

Deus lhe dê muita saude até ela conseguir fazer tudo quanto deseja e se, daqui a uns anos, Lisboa fôr uma cidade com vida e animação, será chegado o momento de se nomearem as comissões encarregadas de fazer com que *suceda alguma cousa*. Porque não sei se já repararam. Em Lisboa nunca sucede nada. Lisboa é uma cidade sem vida. Os fócos intelectuais faltam por completo. A imprensa nunca traz á vida nacional a minima sugestão. Resume-se a narrar o misterio da Azinhaga dos Toucinheiros e a esperar que se dêm os mais corriqueiros acontecimentos para os registar. Lisboa não vive. Existe. Está para aqui e tanto se lhe dá. Os seus divertimentos não são orientados pelo minimo critério. Não se sentem na população aquêles mudos instintos de solidariedade que noutras capitais são patentes.

Precisamos de fazer viver esta cidade entorpecida. E' preciso sacudi-la, mostrar-lhe o verdadeiro sentido da sua existencia. Lisboa carece de ser uma cidade, para que se possam ter assuntos de conversa que não sejam mexeriquices pcliticas e inconfidencias de saias.

UM CASO SINGULAR

Uma dama em Nova-York, Mrs Lilian Rollins, acaba de ser a heroina duma historia bastante curiosa. Casada com Mr. Robert Rollins, pede agora o divorcio por ter reparado, ao cabo de dois anos de casamento, que o seu marido é... uma mulher.

Ora que uma senhora case com outra senhora acho naturalissimo. Com os cabelos curtos e as caras rapadas uma noiva nunca pode ter a certesa absoluta do sexo do seu noivo. Alem disso, *sweet-heart, darling, dear little thing* são palavras de meiguice que a lingua inglesa, se não estou em erro, aplica egualmente a ambos os sexos. Mas que uma senhora casada leve dois anos a descobrir um erro tão essencial na pessoa de seu marido, isso é que me deixa perplexo e profundamente confuso.

Ora aí está o que eu gostava que viesse explicado no jornal, em vez da nova carta organica de Moçambique, que me é totalmente indiferenle.

O ESPIRITO DOS OUTROS

Sacha Guitry viajando em *metro*, o que lhe deve acontecer raras vezes, fica colocado deante duma menina acompanhada pela mamã, a qual menina to-

ma atitudes emancipadas e cruza as pernas de tal modo que a saia levantada chega a deixar ver um pouco da rosea carne.

Todos os viajantes contemplam interessados aquele espectaculo, ao passo que Sacha, com uma requintada gentileza, pergunta:

— «Não leva a mal que eu conserve as minhas calças?... Sou muito atreito a constipações.

ANDRÉ BRUN

EXQUISITICES DE TODO O MUNDO

Na Àfrica oriental, perto do lago Tanganika, há um enorme bloco de rocha que serve, desde tempos imemoriais, de fortaleza a uma tribu que se refugia sôbre êle, em caso de perigo.

— Na Gironda um cultivador obteve uma variedade de beringelas, com 1m e 80cm de comprimento. Em Haute-Saône obteve-se uma cenoura pesando três quilos.

— Depois que nos Estados Unidos foi votada a «lei sêca» ou a lei proibitiva do uso de bebidas alcoólicas, os grandes toneis de vinho, agora inúteis, foram transformados em casas.

O que se lê

NAMORADOS—10.a edição (10.o milhar —versos de Virginia Victorino.

Acaba de ser posta á venda a decima edição do consagrado livro com que Virginia Victorino se estreou. Sobre o extraordinario, o indiscutivel valor da obra, já é ocioso falar. A critica e alguns dos maiores nomes da intelectualidade portuguesa contemporânea já sobre ela deram a mais favoravel opinião. O publico elegeu-a como sua obra favorita e vai-lhe exgotando as edições e decorando os versos.

Agora, só é oportuno frisar o facto excepcional de ter aparecido nas montras o decimo milhar dum livro de versos portugueses, escritos apenas ha uns cinco anos. Isto representa mais alguma cousa do que um simples triunfo de popularidade. Sabendo se como os versos de Virginia Victorino estão bem dentro do nosso caracter emotivo e como facilmente atingem um alto e sublime grau de espiritualidade, o sucesso de venda deste livro glorioso tem uma consoladora significação, não só para a poetisa que genialmente interpretou o ambiente sentimental da hora em que principiou a cantar, como tambem para todos os que vêem no belo acolhimento do publico um feliz indicio de maior inteligencia e bom gosto colectivos.

A' simpatia dos dez mil leitores dos seus «Namorados» tem Virginia Victorino correspondido generosamente, publicando outras obras que mais e melhor ilustram os seus raros meritos literarios. De forma que este festivo acontecimento da sua carreira—a publicação duma decima edição do seu primeiro livro —nem sequer é ensombrado pela ideia de que a ilustre poetisa poderá adormecer á sombra daqueles doces loureiros de Gloria cujo intenso aroma entontece muitos triunfadores.

Tereza LEITÃO DE BARROS

CERTOS POBRES

—Uma esmolinha para um bocadinho de pão, minha senhora!
—Só tenho uma nota de cincoenta escudos.
—Eu tenho troco, minha senhora...

APRECIAÇÕES

—Que tal achas a acustica da sala?
—Não sei, sou um pouco miope...

Curiosidades

VIVER SEM DORMIR

Parece que nenhum organismo normal pode privar-se voluntariamente de sôno durante mais de três dias, por muita resistência que o espírito ofereça a essa necessidade natural. Há alguns anos, em Détroit, estado do Michigan, realisou-se um concurso para vêr quem se conservava mais tempo no estado de vigília. Só um concorrente conseguiu estar acordado durante cento e sessenta e oito horas consecutivas, ou seja, durante sete dias e sete noites. Mas êsse concorrente ficou doido. Um outro, graças aos esforços mais energicos — o emprêgo da agua gelada e de alfinetes — poude resistir durante seis dias, mas apresentou tambem sinais de demência. Os outros sucumbiram ao sôno, no fim do terceiro dia, e nada sofreram de tão perigosa experiência.

O MAIS COMPRIDO CABO TELEGRÁFICO

Vai-se proceder á colocação do cabo submarino britânico mais comprido do mundo, entre Vancouver e a Ilha Faning, no meio do Pacifico. O cabo tem perto de 7.000 quilómetros de comprimento e pesa cêrca de 8.500 toneladas. A colocação levará dezoito dias e o cabo será embarcado a bordo dum navio especialmente construido para êsse fim.

O USO DO LINHO

A origem do uso do linho perde-se em remota antiguidade. No Egipto, os sacerdotes de Iris vestiam-se de linho. Tambem eram de linho as ligaduras das mumias, facto até recentemente comprovado pelas descobertas de Lord Carnarvon, no Vale dos Reis. Do Egipto, o uso do linho, como tecido, passou á Judeia e á Grécia, depois á Itália, onde se fabricaram, no tempo do Império Romano, tecidos de linho extremamente finos, com que foram feitos os trajos que, pela sua transparência, bem mereceram o nome de *vitreas togas* ou *vestidos de cristal*. O uso romano do linho espalhou-se pelos remotos povos bárbaros da Germânia e da Scandinávia.

Desde o principio da Idade-Média, encontra-se o linho cultivado na Flandres e na Normândia.

UM BILIÃO DE OURO

Um bilião de ouro pesa 322.580 quilos e tem um volume de 16 metros cúbicos e três quartos. Passado á fieira, um bilião — ouro pode, sob a forma dum fio dum diametro de três quartos de milímetro, dar a volta ao mundo, seguindo a linha do equador. Para transportar um bilião — ouro, dispondo dos habituais meios de transporte por vias férreas, seriam necessarios 64 vagons, contendo cada um 5.000 quilos do precioso metal. Fundindo um bilião de francos — ouro, poder-se-há fazer umas 22 estátuas de homens, em tamanho natural, de ouro massiço.

O «fakirismo»

O «fakirismo» é como que a religião da Vontade, uma religião que se baseia no principio de que a vontade dos homens, sendo sujeita a uma especie de ginastica racional, pode conseguir dominar a dor e o desejo, chegando a resultados surpreendentes.

O estudo das sciências ocultas tem-se intensificado, de há uns quarenta anos para cá, sendo da India que sempre vieram as narrações mais maravilhosas, ainda que de dificil verificação. A seita dos «Yoghi» ou feiticeiros da India tem contribuido, em alta escala, para revelar as maravilhas desse mundo desconhecido onde imperam desconhecidas fôrças naturais. Os «Yoghi» ou «os unidos» são adeptos da «Yogha» «a união», subentendendo-se que se trata da união com a divindade. A maneira de conseguir essa união é ensinada num livro muito curioso, o «Bhagavad — Ghita», que prega a renuncia pessoal, o dominio de nós próprios, vida austera e meditativa, e contemplação das leis harmonicas do universo. Cumprindo êstes preceitos, atinge-se o Nirvana ou estado da reintegração antecipada da alma humana no infinito, ou seja, o meio de chegar ao estado de santidade.

A palavra «fakir» não é de origem indú mas arabe, e significa «pobre» ou «mendigo». No entanto, é na India que pululam os «fakires». A primeira das suas habilidades que o viajante pode admirar é o da transformação de serpentes em grosos bordões ou vice-versa. Na rua vê-se um índio apoiado a um grosso bordão; o viajante aproxima se e, num momento, o índio transforma em serpente o objecto em questão e que, á vista, parecia ser um pau.

Há viajantes que afirmam ter visto, em Ceylão os «fakires» realisarem a seguinte «sorte», já tradicional. Pousam no chão um vaso cheio de terra onde meteram uma semente, a qual regam. Participam depois que a semente vai germinar e transformar-se em planta, tudo dentro de cinco minutos. Então, um dos "fakires" senta-se no chão, defronte do vaso, e perfeitamente imóvel olha com o seu "olhar de fogo" o sitio onde enterrou a semente... Daí a pouco, aparece, de facto, uma pequenina haste, que vai anmentando, que dá folhas e se transforma realmente numa planta que podemos tocar e colher... A razão obriga-nos a supor que os viajantes nada vêem e são apenas vitimas duma sugestão provocada pela exposição prévia do fenómeno. A provar esta hipótese da sugestão está a experiência realisada por três oficiais ingleses, que foram assistir a uma sessão em que uns «Yoghis» metiam uma criança dentro dum cesto de vime, trespassavam o cesto com um sabre, a criança chorava, o sangue corria e, no fim de tudo, acontecia que... a criança não tinha sofrido nada.

Para evitar serem enganados, os oficiais combinaram que, no decurso da sessão, um dêles iria tomando notas, outro faria «croquis» das várias fases e outro tiraria fotografias. Ora os oficiais afirmaram ter visto tudo o que os «Yoghis» lhes anunciaram: a criança metida no cêsto, o sangue a correr, etc... Simplesmente, quando revelaram as chapas fotográficas, verificaram que estas nada haviam registado, a não ser um grupo de «Yoghis» como que sentados em volta de qualquer cousa que devia ser o cesto, mas que apenas brilhava pela ausência! Quere dizer, os três oficiais haviam sido tão sugestionados pelas palavras dos «Yoghis», ao contarem-lhes o fenómeno, que julgaram presenciar êste. A chapa fotografica, porém, é que não se impressiona com palavras...

Mas as proezas «reais» dos «fakires» são, ainda assim, espantosas. Há mesmo escolas de «fakires» onde as crianças se preparam para suportar tudo.

A pequena sugestão é muito frequente na India. Um «Yoghi», por exemplo, passeia, com uma corda na mão; chega-se ao pé dum transeunte e promete que, a trôco duma esmola, deitará ao ar a corda, pendurá-la-ha num ponto invisivel e trepará por ali acima, levando a esmola, é claro... De facto, o transeunte julga vêr tudo isto.

Os «Yoghis» mais pobres e mais humildes limitam-se a conservar-se imoveis, em posições de incrivel falta de comodidade, como seja estar vinte e quatro horas pendurados pelos pés, sempre murmurando orações e respondendo ás preguntas que lhes dirigem. Outros estão, durante semanas, sentados, com os braços cruzados atraz das costas, uma perna para traz e outra para a frente... Este tem um braço no ar durante anos, com o punho fechado de tal maneira que as unhas, ao crescerem, atravessaram-lhe a palma da mão, sem fazerem sangue. Aquele está meses de joelhos; outro está em pé, só num pé, há semanas e semanas; outro ainda, seguro a uma corda, não se deita nem se senta há dois anos. Aqui vê-se um «Yoghi», quási nú, deitado sôbre espetos de ferro, como se estivesse no melhor leito. Ali, vê-se outro, pendurado pelos pés a um elevado ramo de arvore, com as mãos atadas atraz das costas e balouçando-se sôbre uma fogueira que, de vez em quando, lhe chamusca o corpo. Há mesmo um outro «Yoghi» que enterra a cabeça na areia, durante um dia inteiro, indicando, em raros movimentos, que não está nada incomodado. Há uns quarenta anos, houve um «fakir» que se comprometeu, perante o Radjah Radjet-Singh, a estar dez mezes enterrado. Pediu que mandassem guardar o seu túmulo, mas opôs-se a que as sentinelas fossem soldados ingleses. No dia marcado, o homem deitou-se no chão e não tardou a cair num sôno cataléptico. Um dos seus discipulos abriu-lhe a bôca, dobrou-lhe a lingua para cima e meteu-lhe dentro uma fava. Depois, tapou-lhe todos os orificios do corpo, excepto a bôca. Em seguida, o «fakir» foi metido num saco, o qual foi cozido e encerrado num caixão, que o Radjah fechou e selou. Em seguida, o caixão foi enterrado, sendo semeada a terra que o cobria. Duas vezes nasceu cevada, dez mezes decorreram, e depois de partidos os selos do caixão, que estavam intactos, o corpo do «fakir», friccionado e lavado durante duas horas, voltou á vida...

A India maravilhosa, onde a maior maravilha é a de milhões de naturais viverem sob o jugo de poucas centenas de ingleses, não é, no entanto, a única terra onde os «fakires» abundam. Na Algéria, na Tunísia e no Thibet, o «fakirismo» é praticado em larga escala. O Padre Huc, missionário que veio de Pekim á India, numa caravana que atravessou o Gobi, a Mongólia e o Thibet, conta num seu livro célebre — que, na Mongólia, viu um bonzo, na presença de milhares de testemunhas, abrir o ventre com um sabre, deitar para fora os intestinos, mostrá-los a todos, tornar a colocá-los no seu logar e depois de cozer o ventre ir jantar copiosamente.

Mas seria infinda a enumeração de todos os milagres do «fakirismo», sôbre o qual se tem feito, ultimamente, um sério exame critico.

Ainda há poucos mezes o escritor Paul Heugé fez, no laboratório de radiografia dum hospital de Paris, uma bela demonstração sôbre o «fakirismo», á qual assistiram vários médicos. Em presença de testemunhas cultas, Paul Heugé realisou, com êxito, duas experiências muito praticadas pelos fakires de profissão. Com essas experiências o escritor procurou provar que, para realizar certos prodigios, não é preciso possuir a faculdade que os «fakires» se atribuem, de conseguir, pela auto-sugestão, um estado especial em que o corpo esteja insensivel á dor. Igualmente provou que não era necessário um longo treino. E concluiu que o «fakirismo» está ao alcance de todos os que saibam sofrer pacientemente uma dôr, que afirma ser muito sofrivel.

ORIGEM DO JÔGO DE BILHAR

Segundo uma carta pertencente ao *British Museum*, com data de 1750, o jôgo de bilhar teria sido inventado, no meio do século XVI, por um inglês chamado William Kew, que tinha uma casa de penhores. Tôdas as tardes o dito William Kew pegava em três bolas que enfeitavam a porta da sua casa e distraia-se fazendo-as rodar sôbre o balcão. Para as empurrar, uma contra as outras, de forma que as três se chocassem, servia-se da medida de comprimento — a járda, comparável ao metro de madeira que se usa nas lojas de fazendas. A deformação das duas palavras: *bill's yard* deu a palavra *bilhar*, *billard*, em francês.

OS MÚSCULOS DO VENTRE

Há uma maneira simples de avaliar a fôrça motriz dos musculos abdominais. Deitemo-nos no chão sobre uma superficie plana, juntemos as mãos sôbre o tronco, e depois, sem dar aos pés qualquer ponto de apoio, tentemos sentar-nos, mantendo, tanto quanto possível, a coluna vertebral e a cabeça em linha recta. Se pudermos executar quatro vezes a seguir êste movimento sem nos torcermos, sem tocar no peito com o queixo, sem tomar balanço com os pés nem os levantar do chão, é porque temos bons musculos do ventre.

DEUSES DA RELIGIÃO MUSULMANA

A religião musulmana prescreve aos seus fieis os seguintes deveres: a *chehada*, a oração, a *zaka*, o jejum e a peregrinação. A *chehada* é a forma ritual, segundo a qual todo o fiel reconhece e atesta que ha um só Deus e que Mahomet é o seu profeta. A oração é o principal dever para com Allah. Por dia, são obrigatorias cinco orações: a oração da manhã, a do meio dia, a da tarde, a do crepúsculo e a da noite. Do alto dos minarêtes é gritada a hora de cada oração. Esse grito chama-se a *azona* e todo o mahometano deve fazer de conta que a ouve e rezar, depois de se ter purificado e de se voltar para aquele ponto do globo que se encontra por baixo do trono de Allah, ou seja, para Meca. No entanto, a oração em comum, na Mesquita, é considerada mais piedosa do que a oração individual. A *zaka* é a esmola imposta pela lei, uma especie de contribuição calculada sôbre a fortuna. Hoje, os musulmanos só teem um jejum obrigatório: o jejum do mês de Ramadan. Durante êsse mez todo o musulmano maior deve abster-se de absorver seja o que for, desde o romper do dia ao pôr do sol... Tóda a infracção á *zaka* obriga a uma reparação que consiste em prolongar o jejum durante um ou vários dias. Teoricamente, todo o musulmano deve ir em peregrinação aos lugares santos, pelo menos uma vez na vida. Volta de lá com o titulo de *hadj*. Mas como a maior parte dos crentes não pode empreender essa custosa viagem, a lei do Alcorão admite a concessão de dispensas.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

BRANCA RICHETTI

Uma novel artista, que é mais de que uma esperança já florida. Numa passagem por varios teatros tem marcado progressivas etapes na sua carreira. Presentemente, no Nacional, sob a direcção de Alves da Cunha e Araujo Pereira, o seu talento melhor se afirmará.

POBRE HENRIQUE!

Alguem nos enviou um numero da «Gazeta Teatral» do Rio de Janeiro, em que se ataca veementemente o nosso querido e desgraçado amigo Henrique Roldão, cuja morte recente nos punge neste momento.

Não discutimos a aparente razão ou sem razão dos ataques dirigidos a esse camarada que já se não pode defender.

Fazemos mesmo a justiça de supôr que quem escreveu na "Gazeta Teatral„ do Rio de Janeiro, desconhecia o desastre de Lisboa.

Era preciso conhecer, de perto, o caracter e a correcção moral de Henrique Roldão para saber que ele sacrificava tudo á sinceridade da sua opinião.

Os que supõem que ele pretendeu ser incorrecto para a mulher brazileira enganam-se redondamente. Roldão fez, pelo contrario, nas conversas de café, a apologia dos bons camaradas e do valor dos intelectuais do teatro brazileiro. Maus jornalistas ou peores interpretes da sua conversa não devem merecer credito no Rio.

A memoria do nosso querido e inolvidavel amigo não merece as impensadas e injustas acusações da gazeta do Rio, porque, nós podemos afirmar, êle em nada melindrou ou ofendeu o Brazil ou os brazileiros.

CONVERSEMOS UM POUCO DE SCENOGRAFIA MODERNA

VEM a porposito falar um pouco de scenografia moderna, «sem parti-pris», agora que os teatros procuram em Lisboa modernizar os aspectos da «mise-en-scène».

Com efeito, entre nós, a maior parte das empresas, supondo corresponder á cultura e á preferencia do publico, tem sempre encomendado scenografia «realista», das escolas italianas e francezas, que ainda hoje se pintam em alguns teatros estrangeiros, principalmente nos de opera, onde, é mister confessa-lo, a scenografia moderna não tem penetrado, excepções das grandes operas de Berlim e de Viena.

Os nossos profissionais de scenografia, entre os quais, evidentemente, ha valores muito interessantes, têm encaminhado todas as suas actividades no sentido da velha escola de Manini e de Machado, e mais ou menos desdenha-se entre nós aquilo a que se chama duma maneira vaga «futurismo» e que não é mais do que ingenuas tentativas de decoração sintetica e que seriam já intoleraveis em Paris, em Berlim, ou mesmo num bom teatro de Madrid, por antiquadas.

A scenografia é, antes de mais nada, a «inteligencia» do ambiente.

Enscenar Lenormand ou Charles Meré, da mesma forma, é impossivel.

Em Paris, as comedias do teatro «aimable» ou «boulevardier» são feitas em molduras de elegancia discreta, mas realista.

Em compensação, todo o teatro avançado como o de Sarment, Coqteau, Jules Romain ou Henri Lenormand, tem tido verdadeiras creações na «mise-en-scène» com que é exibido. A diferença principal das montagens d' arte estrangeira e das tentativas nacionais está na ausencia do «director» português. O director artistico é em França e na Alemanha a pessoa que ergue o espectaculo, e hoje ninguem monta uma revista ou uma «feerie» d' arte sem dar a chefia e a unidade de comando, para realizar os figurinos, os fundos scenograficos e as luzes.

Em Lisboa é vulgar vêr-se num cartaz uma legião de colaboradores para uma scena, como se fosse possivel erguer-se um quadro sem previa visão dum individuo, embora com a realisação de diferentes.

Assim diz-se: scenario de Fulano, figurinos de Cicrano cabeleiras de Beltrano e... efeitos de luz ainda de outra pessoa. Onde está o plano previo, a «maquette» inicial, a matriz da enscenação?

* * *

As enscenações em degraus, «draperies» e esquemas scénicos, têm dado lugar a maravilhas de côr, de riqueza e de bom gosto.

Citaremos a Santa Joana de Bernard Shaw, o teatro de Shakespeare em Italia, o centenario de Moliére na Comedie franceza. Formidavel de exito foi ainda a reconstituição de João Gabriel Domergue, o espirituoso pintor, na festa do «Figaro», bem como as tentativas tão felizes de Zoluaga e de Burmann, no teatro espanhol. Fontanals é tambem, na sua discreta estilisação, um dos espanhois que tem marcado pelo equilibrio das suas belas montagens do Apolo de Madrid.

Mas esta é a scenografia moderna que todo o mundo aceita, porque se quizermos ir para o franco expresionismo dos russos e dos tcheco-slovacos então são ás duzias os decoradores e pintores de teatro cuja arte assombra pela bizarria e pela novidade, até ao teatro do Povo, de Lenimegrado onde a principal scena dum drama formidavel era representado num amdaime de ferro vermelho, e o idilio dos protagnistas era feito sobre uma tonelada de carvão de pedra, verdadeiro!

LEITÃO DE BARROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Os Artistas... que se arranjem!

Um artigo de Robert Hale, no "Daily Chronicle" de 15 do corrente, sobre camarins de artistas, sugere-nos o desprezo a que está votada a gente de teatro sempre que se cuida da edificação de uma nova casa de espectaculos.

Exigem-se medidas de hygiene; os bombeiros querem largos corredores, mu tas portas, escadas de salvação; para o publico, pensa-se em amplas poltronas, em estofos macios, em aquecimentos e os artistas, "que fazem a festa", teem que contentar se com as quatro paredes caiadas de camarins onde raramente há janela, onde não há ventiladores para o verão nem aquecedores para o inverno.

Os camarins dos teatros velhos tinham um bico de gaz, uma bancada, um alguidar de barro, e pregos pelas paredes. Os modernissimto substituiram o gaz por duas lampadas electricas, e conservaram a mesma bancada. Apenas um lavatorio com agua encanada está no sitio do alguidar e há uns cabides primitivos no logar dos pregos. Mas o espaço reservado ao actor é o mesmo. "Foyes", poucos são os ea tros que os teem.

Nos palcos de Revista, as pobres coristas andam numa dubadoura, escada a baixo, esca da acima, para as "mudanças". Se o teatro dá duas sessões por noite, o martirio de subir e descer, da scena para o camarim, eguala o estafante vestir e despir.

Ninguem se lembrou ainda de pôr os camarins das coristas ao nivel do palco...

Que diriam os artistas nossos se algum emprezario se lembrasse de seguir o exemplo recente de um seu colega americano?

E' Robert Hale quem refere esse fenomeno: Um emprezario yankee mandou instalar "foyer", lavanderia electrica, cosinha e quartos, para os artistas que preferissem permanecer no teatro.

Não se trata de um hotel anexo mas sim de uma dependencia do palco, á disposição da companhia em "tournée„ e sem o menor onus para a mesma.

Ou oito ou oitenta... O articulista inglez conta-nos tambem o caso passado com uma "troupe„ em digressão artistica.

Foi dar a um pequeno teatro da provincia onde havia um unico camarim:

Os actores ficaram passados. Procuraram o emprezario:

"Então só ha um camarim„?..

Sim, meus caros senhores, não há mais.

"E as senhoras teem que se vestir comnosco?...

Que mal há nisso? Não veem todos em familia? Não são todos camaradas uns dos outros?!...

CARLOS ABREU

Nacional

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha — o grande actor, o primeiro da sua geração. Adelina Abranches, a comediante cujo nome dispensa elogios, e Berta de Bivar, a artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araujo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno.

S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritono brazileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espetaculos de Portugal.

Politeama

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empreza do arrojado e antigo emprezario Luiz Pereira.

Trindade

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuimos. A grande Lucilia, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais dificil repertorio internacional.

As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa.

Avenida

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reune «o encanto duma mocidade» fresca ao «tic» parisiense do seu jestilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Dr. da Mula Ruça».

Gimnasio

O teatro mais moderno e mais europeu. A' frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjuncto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, bôa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

Eden

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo — feitos de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre o «Cabaz de Morangos» peça de Lino Ferreira, Silva Tavares, A. Pereira e L. Oliveira.

Coliseu

A grande atracção de novos e velhos. Uma formidavel companhia, egual ás melhoras do mundo, com todos os «azés» modernos das «artes de circo».

A maior sala de especiaculos da Europa. Conforto, emoção, espectaculo atraente, artistico e instrutivo. O grande divertimento das creanças grandes e pequenas.

UMA NOVELA DE COMPLETA PREVISÃO

A dois passos do Paraiso

Pagina oportunissima a proposito de modas, onde, numa prosa cheia de colorido, se fazem espirituosas previsões. Reprise dum quadro mitologico. Projectiva descrição, cheia de espirito do futuro, Paraiso.

As senhoras, de cumplicidade com a moda, continuam restringindo, cada vez a mais infimas proporções, as suas toiletes.

Um metro de seda, uma gaze, uma renda: eis um vestido.

Então a saia tende a subir cada vez mais. Daqui á tanga vai um palmo. Hoje em dia os joelhos não são já nenhum segredo.

A saia anda já por cima da rotula, que serve assim de amostra, de rotulo, ao resto que resta para ver e pouco é.

Isto é talvez em parte devido ao nome desse artigo do vestuario feminino. Como lhe chamam saia, as senhoras tratam de interpretar á letra este imperativo: «saía» e mandam-na sair a pouco e pouco.

E mesmo o que resta, o pouco que vai ficando, é geralmente de tal leveza e transparencia que deixa adivinhar—e quasi sempre vêr,—todos os trajes menores, que são geralmente minimos.

Estou informado já de que este inverno a moda decretou que sejam travados os casacos das senhoras.

E' medida acertada, oportuna e que vai evitar decerto alguns descarrilamentos.

Ao contrario, os vestidos, principalmente os de baile, vão ter, creio, muita roda. Tambem está certo. Em especial para bailes quanto mais rodas melhor, para deslisar.

Mas a moda—toda feita de contradições, de incoerencias, o que é natural no sexo a que pertence—não podia conformar-se ás proporções reduzidas das toiletes e tecidos e tinha por força de se alargar, fosse onde fosse.

Por isso se desforra nos chapeus, que são altissimos, verdadeiros monumentos da epoca febril e fabril que atravessamos e todos por isso em modernissimo estilo chaminé de fabrica.

São alem disso disformes, de linhas irregulares, amachucados de onde em onde e dando a nitida impressão de que os fizeram a sôco.

Decerto influencia tambem da grande predilecção que as modernas gerações vão sentindo pelo box.

Finalmente, para afirmar bem a sua incoerencia, a moda vai pôr as tranças—aquelas tranças que conseguiu cortar, por vezes sabe Deus a poder de quão titanicos esforços e á custa de quantas revoluções domesticas—como complemento das toiletes, fazendo-as representar o modesto papel de cintos nos vestidos.

E' talvez medida preparatoria e preventiva, para a transição que vai dar-se brevemente, de regresso ao Paraíso que vem perto.

Na altura da tanga paradisiaca, as tranças desenroladas estarão aptas a desempenhar o pudico papel que a natureza lhes marcou, sem que se torne preciso recorrer á tradicional folha de vinha, com que nos quadros se restringe a verdade dos tempos mitologicos.

Porque nenhuma duvida nos pode restar já da vertiginosa aproximação do Eden e do regresso, não direi bem ao Paraíso, mas a um verdadeiro inferno para o sexo a que pertenço.

O futuro Eden será para nós terrivel, porque perante a contemplação constante de todas as verdades, que começaram já de revelar-se e sem as facilidades que tivemos nos tempos primitivos, teremos de mentir constantemente aos nossos desejos para não prevaricar.

Contudo a mise-en-scène deve ser

chapeus altissimos, verdadeiros monumentos

bem diferente, como diferentes para nós deverão ser os resultados.

Prevenidos como estamos, não poderão as futuras Evas conseguir engasgar-nos com a maçã. Se nos engasgarmos é com alguma conta de modista.

A avaliar pelo que estamos vendo e se atendermos a que apezar da redução das toiletes as contas da modista aumentam sempre, então, perante a completa ausencia de tecidos, as contas devem ser das mais caladas. Pelo menos de nos deixarem entupidos.

Já o mesmo há tempos me afirmou o meu amigo Inocencio, que encontrei no Ba-ta-clan.

Ele anda tambem preocupado com o futuro.

E como sempre teve acentuadas tendencias para profeta miliciano, anda já fantasiando as varias extravagancias que nos esperam no porvir.

Então nessa noute, sob a influencia do espectaculo, uma onda interminavel de previsões assolou o Inocencio, que num ar convicto, de verdadeiro iluminádo, começou:

— Veja que até no teatro esta tendencia se manifesta e accentua dia a dia. E' o nu por toda a parte. Aqui o nu artistico; por vezes, devo dizer, bem pouco artistico. E deixe-me dizer-lhe tambem, antes de mais, que nunca imaginei que o tal nu artistico fosse tão nu; que emfim, o nu do Ba-ta-clan não tivesse ao menos uma Bata. Assim acho de mais. E creia, estou já daqui a ver todo o futuro. Deante dos meus olhos perpassa com toda a nitidez a visão do Paraíso que vem perto.

Olhei então curiosamente o Inocencio que tinha n'este momento o olhar perdido no vago, mergulhado no alem, alheio a tudo o que o cercava. Levei-o para um canto retirado, porque na verdade, para quem não soubesse do seu dom de previsão, tinha apenas todo o aspecto de lhe ter carregádo nos liquidos.

Ele, porem, continuou n'uma voz cava:

— No firmamento o sol no seu labor quotidiano e persistente, alheio a todas as terrenas mutações, continua lançando os seus ardentes raios sobre a paisagem que antevejo. Massas verdejantes de intensa vegetação enchem de varios tons o horisonte. A plena luz deslumbra as coisas, que ficam extaticas na admiração do seu poder infatigavel, do seu calor, da sua força. Cedros seculares, erguendo ao ceu seus troncos aprumados, enchem de sombra e de frescura o ambiente. E' uma grande floresta, de vegetação cerrada, forte e exuberante.

O' filha, com o que tu vens á cidade! —

— Uma floresta virgem, concluí.

— Isso sim, fez o Inocencio; uma floresta . . . divorciada de toda a pureza inicial. Alem ao fundo, junto a um ribeiro murmurante, vejo uma arvore frondosa a cuja sombra Eva descança reclinada.

— Deve ser a arvore do bem e do mal, accrescentei, no desejo de mostrar conhecimentos.

— Qual! lamentou sorrindo o Inocencio. Do bem e do mal? Que ideia! Não senhor.

— Compreendo, é simplesmente a arvore do mal, emendei logo.

— Isso sim! tornou o meu amigo. A arvore de tudo quanto possa imaginar de peor. Junto dela a Eva do futuro, de labios desenhádos a baton, sobrancelhas a nanquim, palpebras azuladas, olheiras a crayon, cabeleira verde ás riscas e á escovinha e unhas prateadas, sentada num coussin de penas de avestruz, tendo apenas vestida uma folha de vinha toda em rubis e diamantes, unicamente presa á cinta por duas fiadas de perolas, fuma, languidamente abstrata, um abdula silk tipped.

A um canto Adão, de longas tranças e bigode á americana, envolto em amplas calças que arrastam em pregas pela relva, muito comprometido e sem do solo erguer seu casto olhar, faz meia.

N'isto, muito de mansinho, venenosa serpe avança a mêdo, cautelosa, de forma a ficar perto do casal.

Adão tem um ligeiro sobressalto; levanta a calça, estremece, deixa cair o novelo.

Eva lança-lhe um olhar repreensivo e olhando o reptil pergunta-lhe ao que vem.

A serpente, um tanto desconcertada com seu modo desabrido e sacudido, oferece a medo o suculento fruto que transporta e com o qual pretende enfeitiçá-la.

Então a ultima descendente da mãe Eva, melhor dizendo a nossa filha Eva, pondo num ar fatigado o seu monoculo e sacudindo a cinza ao abdula, responde com desdem:

— O' filha, com o que tu vens á cidade! Isso foi chão que deu uva. Isso para cá já não gruda. Ainda se me trouxesses uns brincos do Leitão, um casaco de peles, ou pelo menos um pouco de cocaína, ainda vá. Mas com isso, escusas de vir perder o teu latim . . .

O reptil, perante tão estupefaciente recepção, fica banzado e aturdido.

Adão nem pestaneja e continua laboriosamente apanhando malhas e contornando atento um calcanhar.

E então, por entre a relva espessa, ouve-se apenas o rastejar indeciso e coleante da serpente, em febril, em tragica retiráda, procurando a custo, aflita, engulir a maçã com que viéra e que de espanto e comoção lhe ficou atravessada nas guelas.

AUGUSTO CUNHA

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

40 anos de teatro!

A um emprezario de bom coração—aos artistas que estão na força da vida, esta pagina verdadeira, triste e confrangedora.

Meu querido amigo e Sr. L. P.:

O senhor tem coração. Leia esta pagina. E' sentido, é desinteressada, é, para mim—comovente. O senhor é um emprezario—mas eu sei que é principalmente um homem de coração, talvez ás vezes rudemente sincero, mas no fundo uma alma de português generosa, amiga e leal.

Veja o que pode fazer ao anonimo protagonista desta pagina verdadeira—desta pagina expontanea, que ninguem pediu.

Do coração lho agradece

O HOMEM QUE PASSA

JÁ estava o pano em cima. No ar aquela meia luz quente que vinha da scena, por entre os rompimentos duma scenografia de jardim, velha, pejada de remendos de varios matizes e tamanhos, atestando a longa «tournée» de provincia. O resto: o escuro do palco grande, onde as mobilias dormiam sob os resguardos de riscado e um piano velho, muito velho, longo e fiel companheiro de ensaios.

As portas dos camarins estavam abertas, e da quadra vasta e escura do palco, em cuja penumbra passava a sonolencia dum bombeiro—viam-se, nitidamente lá dentro, no brilho das lampadas de caracterisação, os actores e as actrizes. Sentia-se o ar sacudido dos carpinteiros de scena, e um homem pressuroso, recomendando silencio com energia o contra-regra. Em baixo, ao fundo, a «porta da caixa», com o quadro «da tabela» onde dormitava uma lampada fraca.

. . . .

Vi-o entrar. Quem era? Trazia no fato escovado, puxado, curto, pobre, o todo de quem conta as migalhas que come—quando as come. Cumprimentou a medo.

Era um homem forte, escanhoado, carrecto, vergado ao peso duns sessenta anos vividos. Arrastou-se lentamente, de chapeu na mão. Esteve como eu na penumbra das mobilias de scena, abandonadas no escuro do palco, sob as pinhas de scenarios velhos. Depois, avançou um pouco, timidamente, encarando todos numa interrogação delicada de respeito, até junto da porta do camarim, iluminado e intenso.

Era ali o primeiro actor. Ele ficou na sombra ainda.

Esperava um sorriso, uma oportunidade, uma leve saudação que o animasse a entrar; um cumprimento, qualquer coisa que não fosse a aridez, a miseria e o desinteresse formidavel dessas semanas atraz. Mas nada... O outro vestia-se para a scena, e dava ao espelho a laçada do «smocking». Estava brilhante no seu «maquillage». Olhou para traz. Quando lhe descobriu a silhueta teve um gesto de enfado. Ele não insistiu, recuou, timido, como avançara. Voltou ao escuro das mobilias abandonadas na penumbra quente do palco.

Ficou um momento, de longe, a seguir as indicações energicas do contra-regra. Desdobrou cuidadosamente um lenço. Vi-lhe brilhar os olhos na meia luz escura: Chorava! Era um chorar silencioso, sem teatro, sem soluços, sem mascara. Apenas os olhos. Fôra actor quarenta anos. Sempre aquela

o outro vestia-se para a scena

mediocridade apagada? Não. Tivera momentos. A sua voz, hoje talvez ridicula nas representações realistas de agora, empolgara e dominara velhas plateias ingénuas. Os seus «tiranos», os seus «paes nobres», toda a sua galeria vasta de velhas peças romanticas—tivera adeptos e conquistara admiradores. Mas tudo passara e quasi tudo morrera. A gente era outra, o publico era novo. Estava velho. Não o queriam. Toda essa serie de apostrofes formidaveis que a sua boca declamara, veemente, durante quarenta anos—não lhe dava o pão dos ultimos dias. Pedir? Mas tinha um orgulho antigo. Tivera sempre contratos. Fôra até disputado. Sim... Pediria... Voltar mais uma vez a casa, sem nada, sem uma esperança... Não! E voltou á porta do camarim. Vi-o curvar-se, implorar num silencio, e depois, um sêco: Tem paciencia!

Em frente outro camarim. Ali era um sorriso lindo. A primeira actriz. A bondade, a frescura daquela boca sempre a sorrir, parecia animal-o.

Se lhe pedisse? Acercou-se. Estava corrida a cortina.

Mas não se atrevia a chama-la. Encostou-se á porta. Esperaria que saisse, que o visse—e pedir-lhe-hia, comove-la-hia. Nisto, um repelão. Ela saiu, num pulo agil, fresca, pintada, taful, pronta.

Ele tilubeou uma saudação humilde, mas a actriz, vagamente, a correr sempre, baixou a cabeça e não respondeu, com o seu lindo sorriso, distraido e glorioso.

Depois, de longe, prudente, recomendou á costureira, que ficara no camarim:

— Feche a porta, ó senhora Ana!

O homem então empalideceu—até já desconfiavam dêle!

Lá fora soavam agora palmas. Estremeceu. Aconchegou o casaco coçado. Apressou o passo—que ao menos os outros o não vissem. Mais palmas, muitas palmas lá fora... Fugiu. Entrou na chuva miuda da noite. As palmas soavam-lhe ainda no seu timbre tão quente, com esse som de veludo de gloria tão doce aos ouvidos dos artistas. Palmas! Jamais alguem lhas daria!

. . . .

Voltou a casa. Era um quinto andar

a sua voz dominara velhas plateias ingenuas

aos Paulistas, pequeno, aceado, pobre. Muitos retratos nas paredes—aqueles retratos que os artistas dão sempre uns aos outros, prodigamente, com dedicatorias exuberantes. Sobre a meza um album de recortes de imprensa, e na parede, pintado a oleo, sobre o fundo duma velha pandeireta, o seu retrato jovem, vigoroso, brilhante, no tempo aureo da companhia do Principe Real e dos dramas do D. João da Camara. Ficou se um instante a olha-lo, com o fosforo aceso, admirado de si. E viu então, no espelho ferrugento da comoda, a sua face cançada, envelhecida e palida. Do quarto interior, ela falou:

— Então?

— Nada...

— Que vamos fazer, meu Deus?

— Deixa-me, não comeces com lamurias...

A velhota, antiga actriz como êle, não respondeu.

Fincou no travesseiro a face macerada das privações. Ouviu-se apenas um soluço.

Ele puxou-a a si. Beijou-a.

— Tens fome?

— Não. Tu é que precisavas alguma coisa quente. Não ha nada...

— Deixa-lo.

Deitaram-se os dois.

Houve uma hora de silencio negro.

Depois, êle disse:

— Tens fosforos?

— Estão aqui...

— E ha carvão no fogareiro?—articulou êle, a custo.

— Ha...—disse ela. Estava a pensar no mesmo...

E abraçaram-se os dois numa convulsão de chôro...

N.º 5
3.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

21 NOVEMBRO 1926

Apuramento do n.º 12 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

AVIEIRA

N.º 2 — 2 votos

N.º 1, de MANÈ BEIRÃO . . . . 1 voto
N.º 4, de DR. DA MULA RUÇA . . . . . 1 »
N.º 14, de MAMEGO . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AVIARDO,
DROPE (da T. E.), MAMEGO
Com 19 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

D. SIMPATICO (T. E.) (11), VIRIATO SIMÕES (10).

OUTROS DECIFRADORES

AULEDO, CASTROLIVA (9), PAUSANIAS (6), DOIS PRINCIPIANTES (4), EURISTO, D. GALENO (T. E.) (1).

Do n.º 11, que, por lapso, não foram incluidos no ultimo APURAMENTO: PAUSANIAS (5), D. GALENO (T. E.), VISCONDE DA RELVA (1).

DECIFRAÇÕES

1—*malsinar*, 2—*LABRUSCO*; 3 destemperamento, 4—*logomaquia*, 5—achaque, 6—estocada, 7—zagala, 8—parrana, 9—emanação, 10—mirifico: 11—cuspide, 12—chiado, 13—Orada, 14—*arrenegada*, 15—farelario, 16—valente, 17—motu-proprio, 18—pindaricamente, 19—carocha.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.ºs 8, 10, 11, 14, 15 e 19, respectivamente de BAGULHO, D. GALENO, DROPE, MAMEGO, MARIANITA e VISCONDE DA RELVA, com 3 decifradores, cada uma.

DEDICATORIAS

D. GALENO, DROPE e EURISTO, decifraram o que lhes era dedicado.

CHARADAS EM VERSO

(Ao distinto Africano*)*

4
«Africano», charadista,
Valente decifradôr,
Não mato á primeira vista:
Ando " *em grau inferior* ".—2

Na "*lingua*" já tenho calos,—2
—E' exquisito, a valer!—
De andar, em tais abalos,
A decifrar, sem saber.

Fui ao medico, outro dia,
Tinha, na boca, uma ingua
Produzida,—que arrelia!—
P'lo *nervo inf'rior da lingua*!

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

2
Neste *vale entre montanhas*,—2
Onde só habitam corças,
O homem forte e *sabedor*,—2
Nem que seja um luctador,
Fica exgotado de forças.

Porto — OTROPAVLIS

CHARADAS EM FRASE

(Ao distinto charadista Orlando-o-Paladino*)*

3 Foi uma *ilusão*, quando o julguei um *digno aventureiro*.—2—2.
Lisboa — AFRICANO

Ainda hei-de enfeitar o meu «*vestido*» com flôres *em relevo*.—1—3
Cascais — ANELE

5 E' a primeira vez que estou *indeciso* ao proteger um *vagabundo*.—2—2
Lisboa — AVIARDO

6 *Eu já fui um simples dispenseiro*.—1—1
Lisboa — BIXO KNHOTO

7 *Desde* que, do «*insecto*» tenhas *nojo*, não ficará *desfeito*.—1—3—1
Lisboa — CALTAR

8 Quando eu fizer o «*sinal*» para *ti*, colocas, ao peito, esta «*planta*».—2—1
Lisboa — CASTROLIVA

9 Aquele *homem que anda sempre sem dinheiro*, tambem se «*nota*» que anda sempre *embriagado*.—2—1
Lisboa — D. GALENO (T. E.)

10 Agora é *moda* matar a *cabeça* com êste «*jogo de azar*».—1—2
Lisboa — DOIS PRINCIPIANTES

11 Quem *fala com dificuldade*, parece mesmo, uma *mulher acusada* de não dar *aviso de que ha ladrões na visinhança*.—2—1
Lisboa — DROPÉ

(Ao sr. Hole, para meter num chinelo o seu Canhão 42...*)*

12 *Quanto* daria o senhor, para alguem lhe *rebocar* o «canhão» para Lisboa, só para ter a vaidade de o *pendurar* no pescoço?—1—2
Lisboa — HOMEM SEM NOME

13 Portugal possue um *clima que* é um verdadeiro *tesoiro*.—1—1
Lisboa — JAMENGAL

(Agradecendo ao ilustre Visconde da Relva *a sua amabilidade)*

14 Na *primeira pagina de uma folha* em que escreve o confrade *põe em pratica um plano* que, inteiramente *modifica o que está feito*.—2—2
Lisboa — MAMEGO

(Aos habituais colaboradores desta secção)

A PREMIO

NOTA.—A autora oferece um interessante premio, para ser sorteado entre os decifradores desta charada.

15 Só um *homem de baixos sentimentos comete* uma *acção reles*.—3—1
Lisboa — MARIANITA

16 Põe de *parte* a ideia de arranjares um bom *emprego*, desde que, com teus patrões, não estejas de *comum acordo*.—1—2.
Caldas da Rainha — MOVELHO

17 Em que *data* foi transformada a «*flor*» em «*reptil*»? 2—1
Porto — REI DO ORCO

18 No *esconderijo*, a mulher *perversa* pagou uma *multa*.—1—1
Porto — RENANDOF

19 A *lagarta* caiu no *laço*, «*homem*»!—1—1
Lisboa — SANCHO PANÇA

20 *Somente* do que *é feito e assinado* é que sou *partidario*. 1—2
Lisboa — SATURNO

21 *Cuidado* e vigilancia, bravos *marinheiros noviços!* Vigiem, do *corrimão de corda ao longo do guradés*, as manobras do inimigo.—2—3
Lisboa — VIRIATO SIMÕES

22 Conheço um *chefe de povoação na India*, que tem a *aparencia* de quem está quasi a *morrer*.—2—1
Lisboa — VISCONDE DA RELVA

CORREIO

BIXO KNHOTO.—Recebi tudo. Mil agradecimentos. Estimo as melhoras e espero mais... com ou sem bronquite.

D. GALENO.—Seja bem reaparecido. As portas estão, sempre abertas. Sentimos, profundamente, o acontecimento e queira aceitar os nossos sentidos pezames.

MAMEGO.—Recebi e agradeço

LHALHA, LILI, D. VASCO, HOPE, VASCO DIAS, REI FERA, ORLANDO-O-PALADINO. — Sejam bem vindos. E colaboração?

RENANDOF.—Queira enviar mais producções porque as que restam não são publicaveis. Rogo a fineza de mencionar o dicionario onde se verificam.

DR. FANTASMA

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas *sem distinção* todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

CRUZADAS — PALAVRAS CRUZADAS — o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, DOIS PRINCIPIANTES, DOIS TORREJANOS, EL-REYS, HERTOS, MARIDO, MULHER & FILHO, MENIMA XÓ, N.º 2, NONÓ, RENANDOF, SPARTANUS.

DECIFRAÇÕES DO N.º 95

HORIZONTAIS.—1 ida, 2 nos, 3 cãs, 4 maçal, 5 rôlas, 6 on, 7 cic, 8 zé, 9 ri, 10 ala, 11 om, 12 olor, 13 ovar, 14 afã, 15 Ira, 16 li, 17 tal, 18 ás, 19 in, 20 eli, 21 ga, 22 aço, 23 ps. 24 reu, 25 el, 26 esvão, 27 aviva. 28 Scepticismo.

VERTICAIS.—1 inculcar, 29 doa, 30 asserção, 4 mor, 31 aniofines 32 azorrague, 33 sem. 34 il, 35 la, 36 ai, 14 ali, 37 calcês, 38 asa, 17 tear, 39 liou, 23 pães, 40 leão, 26 A Sc, 41 vê, 42 ap. 43 ot, 27 ac, 44 vi, 45 is, 46 vm.

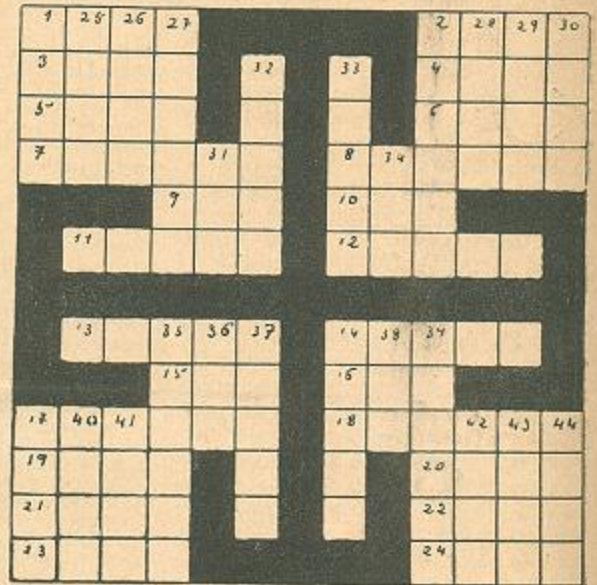
PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso ilustre colaborador «Nónó».

1	25	26	27	■	■	■	■	■	2	28	29	30
3				■	32	■	33	■	4			
5				■		■		■	6			
7				31		■	8	34				
■	■	■	9			■	10			■	■	■
■	11					■	12					■
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
■	13		35	36	37	■	14	38	39			■
■	■	■	15			■	16			■	■	■
17	40	41				■	18			42	43	44
19				■		■		■	20			
21				■		■		■	22			
23				■	■	■	■	■	24			

Nonó

HORIZONTAIS.—1 «animal», 2 «medida» (pl.) 3 laços, 4 promessa, 5 soubéra, 6 «cidade da Arabia», 7 «frutos», 8 casta, 9 «adverbio», 10 além, 11 queimar, 12 tornar a atar, 13 «cidade», 14 fascinação, 15 nota, 16 moda, 17 abrilhantai, 18 delator, 19 berro, 20 roguei, 21 «homem», 22 jardim, 23 meio, 24 rama de pinho.

VERTICAIS.—1 «animal», 2 vexame, 14 pessoa muito magra, 17 matilhas (ant.) 25 «adverbio», 26 tronco humano, 27 «flôr» (pl.), 28 gire, 29 liquido volatil, 30 letargo, 31 «pedra», 32 apontar, 33 emprego, 34 "pronome pessoal", 35 inventario, 36 «Cidade da India», 37 «vila», 38 apendice, 39 pancadas, 40 globo, 41 marcharei, 42 «tecido», 43 «adverbio latino», 45 solapa.

Varia

DAMAS

Solução do problema n.º 97

	Brancas	Pretas
1	10-15	18-11
2	2-7	11-2 (D)
3	3 8	12-3-17
4	9-13	2-9-27
5	13-22-31-20-11-29	2 -17
6	29-18	30 25
7	18-29	17-14
8	29-15	14-9
9	19 24	9-5
10	151	32-28
11	24-27	

Ganha

PROBLEMA N.º 96

Brancas 1 D e 7 p.

Pretas 3 D e 5 p.

As pretas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 95 os srs.: Alipio Amaral, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemsica), Sueiro da Silveira, Victor dos Santos Fonseca.

NOTA.—O problema, hoje publicado, é o inverso do n.º 96, com a mesma disposição de pedras, mas com a condição expressa de serem as pretas que jogam, em primeiro logar, e ganham.

Rejonear á espanhola e á portuguesa—Antonio Cañero e Simão da Veiga

ANTÓNIO Cañero e Simão da Veiga são hoje, sem sombra de dúvida, os dois grandes mestres do toureio a cavalo. «Simón de la Vega» — como dizem os espanhois — é um espantoso cavaleiro de vinte e três anos, que acaba de conquistar, nas principais praças de Espanha, os mais legitimos triunfos. Aos cinco anos, já Simão da Veiga montava ... em burros. Aos dezoito anos, em 1921, estreou-se em Lisboa, como cavaleiro tauromáquico, trabalhando ao lado de seu pai, o pintor e cavaleiro Simão da Veiga. Depois de entrar em sete corridas, onde foi muito aplaudido, tomou a alternativa em 4 de Junho de 1922. Em breve se tornou um émulo dos nossos mais categorizados cavaleiros, como João Nuncio, José Casimiro, Rui da Camara, etc. Em Junho de 1924 estreava-se em Espanha, toureando na praça de Barcelona, num espectáculo em honra dos reis de Itália. A Espanha recebeu-o com tôdas as honras, apezar de contar, entre os seus filhos, o grande cavaleiro António Cañero, corajoso «rejoneador». Simão da Veiga ensinou pacientemente um cavalo que obedece apenas á pressão das pernas, sem que o cavaleiro tenha que segurar nas rédeas para o guiar. Essa «jáca torera» tem nove anos e chama-se «Redondo». Simão tem um cavalo especialmente ensinado para cada variedade de touros: para os touros bravos, o cavalo veloz; para os mansos, o cavalo ousado, que desafia o inimigo no seu próprio terreno. Assim, tem as maiores probabilidades de fazer sempre a melhor figura. Possui, actualmente, sete cavalos todos ensinados por êle, e que só êle monta. Nunca toureia, pela primeira vez, numa praça, sem que faça conhecer o terreno, de véspera, aos seus cavalos. Este ano toureou em Madríd, Barcelona, Bilbau, Badajoz e Sevilha. No ano passado, toureou em 61 corridas, em Portugal, «rejoneando» 184 touros. Tem ganho uma fortuna com a sua dificil arte, que, segundo se lê numa entrevista com um critico espanhol, tenciona abandonar, para o ano, dedicando-se depois á lavoura. Simão da Veiga, no dizer do mesmo critico tauromáquico, sabe cravar o rojão como mandam as boas regras: cravando a bandarilha de maneira a que forme o ângulo recto com o braço.

Montado no seu cavalo «Rolito» que tem 22 anos, Simão da Veiga coloca uma farpa como mandam as boas regras: a farpa forma angulo recto com o braço.

António Cañero tambem desde muito novo que toureia. Um dia, em Córdova, numa festa taurina organisada por Guerrita, viu êste, a cavalo, colocar um par de bandarilhas numa vaca. Pensou que o mesmo se poderia fazer com touros e, se bem o pensou, melhor o fez. Em 1916, «rejoneou» pela primeira vez, numa corrida organisada em Puerto de Santa Maria, por Primo de Rivera, o actual dictador espanhol. Sempre com éxito crescente, continuou a tourear a cavalo, como amador, até que em 1923 se estreou como profissional na praça de San Sebastián. Tem sido inúmeras vezes «colhido», ficando ferido gravemente, mais duma vez. Os seus cavalos de toureio tambem teem sofrido perigosos ferimentos, o que se explica pelo facto de Cañero picar touros em pontas. Possuiu um cavalo chamado "Bordeaux"—que morreu em França com uma pneumonia, muito conhecido pela sua extraordinária coragem. Há uma notável diferença entre o «rejóneo» á espanhola e á portuguesa: o fim do primeiro é matar o touro, de forma que o cavaleiro tem que aproveitar, seja como fôr, o animal que lhe coube e que já não sairá vivo da praça. Cañero toureia com as rédeas na mão esquerda e o rojão na direita.

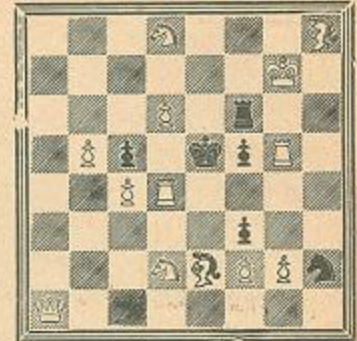
Antonio Cañero cravando um rojão de morte. O rojão, que deve ser cravado como se fôra um estoque, está obliquo em relação ao braço e é seguro doutra maneira do que a farpa.

Geralmente, ganha cêrca de trinta contos em cada corrida. Vai agora tourear a Filadélfia, em condições vantajosíssimas. E' actualmente, e por direito de conquista, o melhor e mais audaz representante da equitação espanhola. Mesmo para os que não são «aficionados» e teem pela arte tauromáquica um interesse muito relativo, as figuras e os nomes de Simão da Veiga e de António Cañero devem representar duas belas afirmações de coragem moça e viril.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 97

Por J. Jespersen

Pretas (6)

Brancas (13)

As brancas jogam e dão mate em dois lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 96

1 D. 5 T D

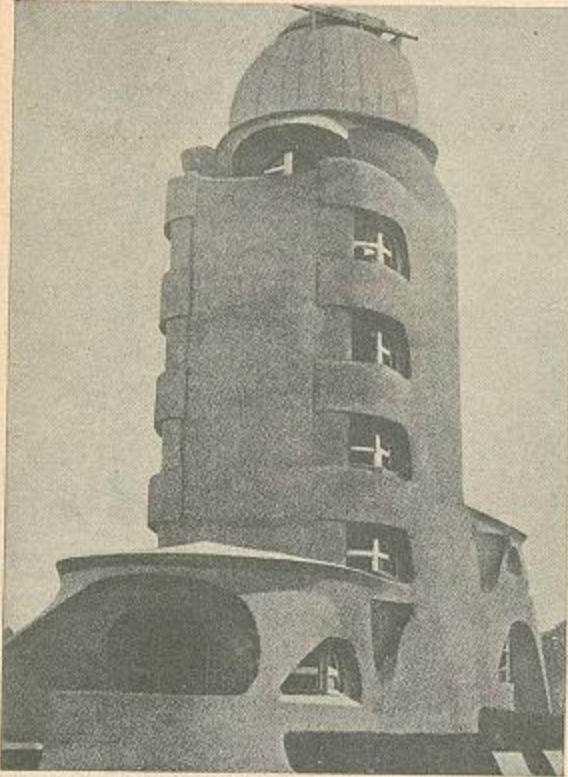
Resolveram o problema n.º 94 os srs. Nunes Cardoso, prof. Sueiro da Silveira, Club Portuense (Porto).

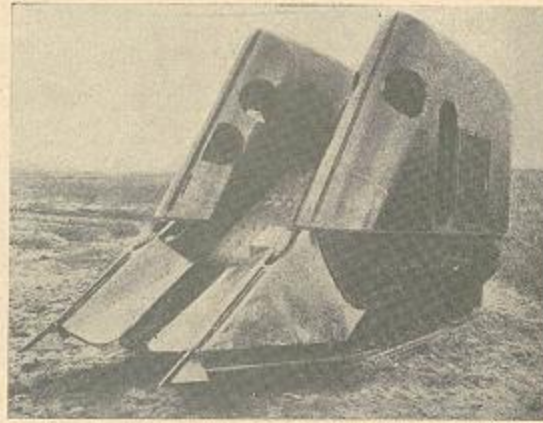
«Match Gremio Literario-Club Portuense»:—Começou novo match, por correspondencia, entre estes dois Clubs.

Aos nossos anunciantes

Prevenimos os nossos estimados anunciantes de que a cobrança dos respectivos anuncios é feita exclusivamente pelo nosso cobrador, contra recibos selados desta administração e acompanhados dos exemplares do jornal, após a publicação dos referidos anuncios.

Actualidades gráficas

OBSERVATORIO DA RELATIVIDADE

Este extranho edificio é o novo observatorio de Einstein, o grande revolucionador das sciencias fisico-matematicas. Propõe-se com ele o ilustre sabio estudar e verificar as suas teorias.

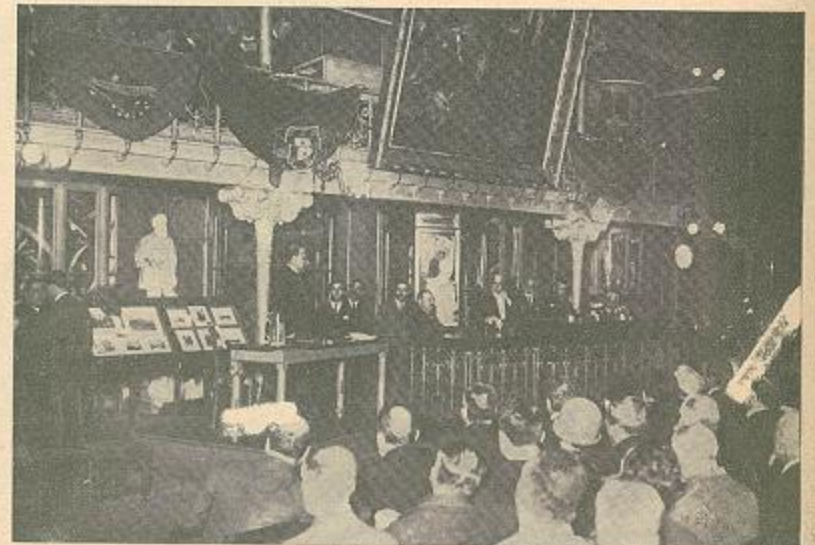
A INDUSTRIA MODERNA

Esta maquina de aspecto belico não é mais do que uma moderna segadora de açucar destinada ás plantações de Java.

SOMBRA E LUZ

Interessante efeito da sombra duma estatua na Pensylvania, projectada nas nuvens por um fortissimo fóco electrico

UM FUNCIONARIO DA REPUBLICA

Almoço oferecido ao sr. dr. Gonçalves Teixeira, habil diplomata e chefe de serviços no Ministerio dos Estrangeiros. Ao banquete presidiu o ministro e associaram-se muitas altas individualidades.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Sessão de abertura da exposição de artigos portuguezes fabricados no Brazil, com uma conferencia do jornalista Pedro Muralha.

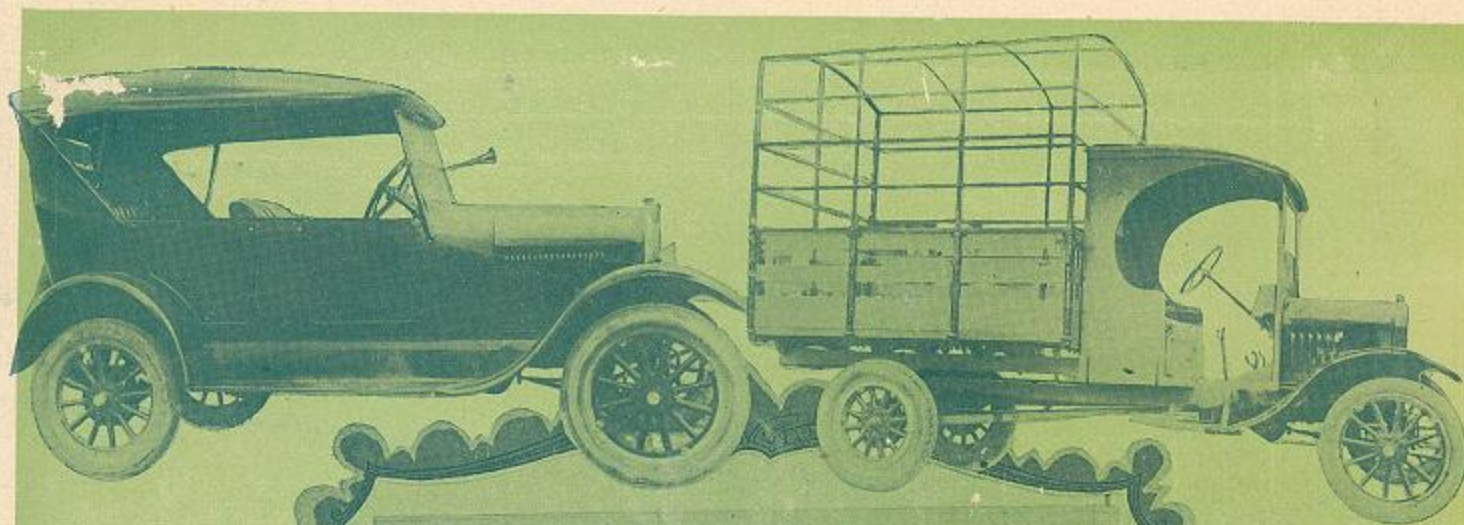
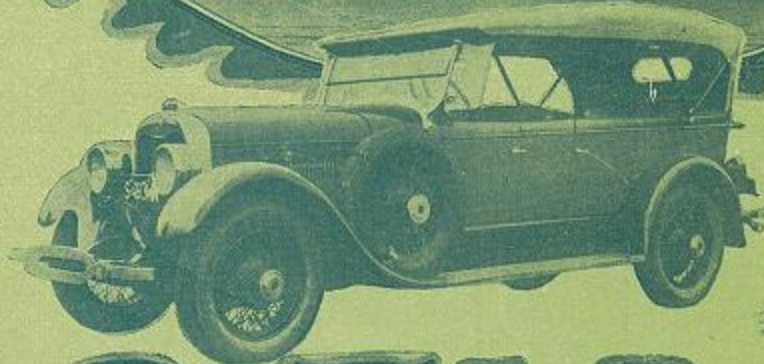
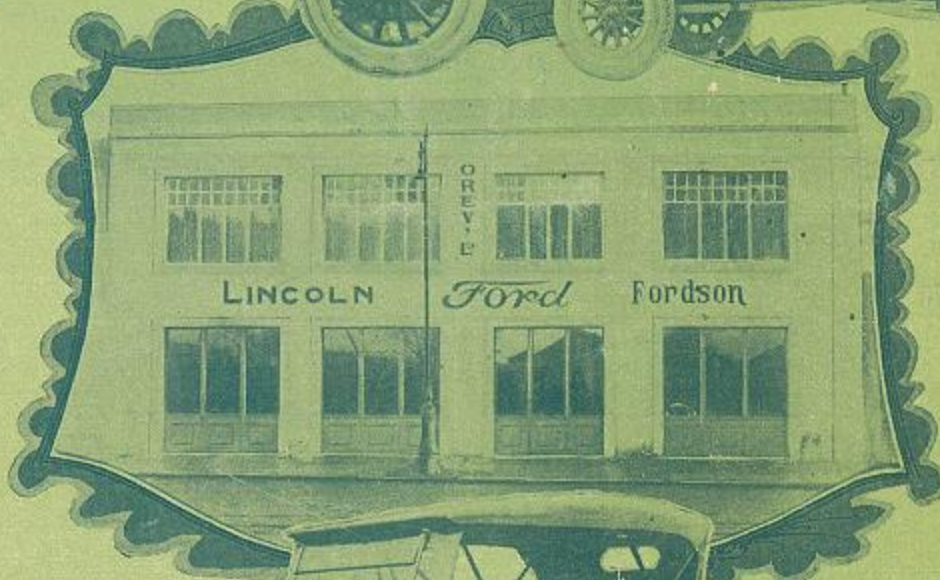
PUBLICIDADE

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

LER DENTRO BRILHANTE COLABORAÇÃO de André Brun, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Leitão de Barros, Tomaz Ribeiro Colaço, etc.

LER DENTRO:

40 anos de teatro

Formidavel pagina de emoção por O HOMEM QUE PASSA